

BJIR

Brazilian Journal of
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 4 | edição nº 1 | 2015

*O século XXI pertence à China?: Um
debate sobre a grande potência
asiática*

Alexandre César Cunha Leite,
George Bronzado de Andrade

 Igepri
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 unesp
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex

“O SÉCULO XXI PERTENCE À CHINA?: UM DEBATE SOBRE A GRANDE POTÊNCIA ASIÁTICA”Alexandre César Cunha Leite¹,
George Bronzado de Andrade²

Resenha da Obra:

FERGUNSON, Niall, ZAKARIA, Fared, KISSINGER, Henry, LI, David. *O século XXI pertence à China?: Um debate sobre a grande Potência Asiática*. Tradução Bruno Alexander. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. ISBN 8535255303.

O livro “O século XXI pertence à China?: Um debate sobre a grande potência asiática”, lançado em 2012 pela editora Elsevier no Brasil, fruto da reprodução bibliográfica de um dos debates promovidos pela *Aurea Foundation*, os denominados “Debates Munk”, traz a público a oportunidade de observar como 4 grandes estudiosos da política internacional, mais detidamente da relevância da China nesse novo cenário, compreendem a nova configuração de forças que vem mudando os contornos da política global. O livro reproduz o 70º Debate Munk realizado no dia 17 de junho de 2011, no Thomson Hall em Toronto (Canadá), tem o mérito de captar o frescor da verve oral de quatro grandes debatedores que refletem e debatem tendo como norte uma pergunta: o Século XXI pertencerá ou não à China? A China tem despontado nas últimas 4 décadas como a nação que impressiona o mundo pelos números de crescimento de sua economia, fluxo de comércio, população e poderio militar; galgando rapidamente a condição de poder de influenciar o cenário político mundial.

É com essa preocupação de decifrar e desvendar os códigos que podem esclarecer até que ponto o poder chinês pode avançar nessa corrida por mais poder no Sistema Internacional, que o livro traz o peso das opiniões de grandes especialistas em política internacional. Autoridades no assunto como o Nobel da paz e professor de Harvard, Assessor de Segurança Nacional responsável pela reabertura política na relação sino-soviética nos anos 70 e 56º Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, assim como os argumentos do professor Fareed Zakaria, que se junta à Kissinger entrincheirando-se na posição de defender, com argumentos sólidos e verossímeis, os porquês que formam e sustentam a inferência de que a China não exercerá a liderança e o comando do mundo político internacional no Século XXI.

¹ Professor Doutor Adjunto do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ásia-Pacífico (GEPAP/UEPB/CNPq) e pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre Potências Médias (GPPM/PUCMINAS/CNPq). Contato: alexccleite@gmail.com

² Analista Judiciário, mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ásia-Pacífico (GEPAP/UEPB/CNPq). Contato: georgebronzado@gmail.com

Do outro lado os professores de Harvard, o historiador Niall Ferguson e o economista chinês David Li, contra-argumentam e rechaçam a opinião dos seus contendores na defesa de que a história e a economia chinesa apontam claramente para uma ascensão chinesa insuperável pelo Ocidente, tendo a economia e a inserção chinesa, associada a uma condução política pragmática, como suporte aos seus argumentos, indicam um caminho de sucesso para a China nos anos vindouros.

O debate entre os quatro pensadores mostra a argumentação descontraída que permite provocações responsáveis contra os outros debatedores, o que impinge certa leveza à gravidade dos assuntos tratados, tudo sem perder a seriedade e profundidade da argumentação. No plano do conteúdo observa-se um eixo que conduz as falas de Kissinger e Zakaria no sentido da predileção pela análise da conjuntura política em detrimento do fator econômico, enquanto os professores Ferguson e David Li articulam a retórica apoiada na relevância do componente histórico e na solidez dos números e indicadores econômicos não menos importantes que a conjuntura unicamente política.

Niall Ferguson e David Li evocam em muitas de suas falas, análises em bases histórico-econômicas com o intuito de justificar a retomada da ascensão chinesa no fato de que dos últimos 20 séculos, 18 foram dominados pela economia chinesa (com exceção dos séculos XIX e XX). Ferguson também assinala que além da pujança econômica chinesa³, arregimentada pela gigantesca população que produz uma grande quantidade de riqueza para a China, a ascensão chinesa que a candidata a assumir o posto de grande potência do século XXI é amparada, segundo Ferguson (2012: 13), num indubitável declínio do mundo ocidental em termos de força econômica e política. Nesse sentido o mesmo Ferguson (2012: 14) destaca que “O Século XXI será da China pelo declínio de uma América obesa, dependente de dinheiro emprestado e por demais sexualizada, sem falar da deficiência da Europa”.

Para o professor Li (2012: 25), que sustenta posição favorável a moção de que o século XXI pertence à China, há grande possibilidade da China dominar o século XXI em decorrência de sua atuação em duas dimensões, a saber: a primeira dimensão refere-se ao potencial transformador que a China vem exercendo internamente (nas transformações constantes de sua economia e de graduais aberturas políticas) e externamente por encabeçar um movimento contra-hegemônico, estabelecendo laços multilaterais com as regiões mais

³ Ferguson (2012: 9) aponta que o FMI (Fundo Monetário Internacional) previu que dentro de cinco anos a economia chinesa ultrapassaria a economia norte-americana, sendo que os chineses já superam os EUA em termos de manufatura e mercado automotivo mundial.

pobres do mundo, oferecendo um modelo alternativo assim como tentando modificar o sistema vigente. A segunda dimensão seria nas palavras de Li, a percepção de que:

" a ascensão da China nos dá um modelo alternativo de instituição social e econômica, diferente dos modelos de instituição do mundo ocidental, diferente dos modelos dos Estados Unidos. Nesse modelo - em comparação com o modelo dos Estados Unidos e de outras nações ocidentais -, o bem-estar e a estabilidade social são mais importantes do que a mera liberdade individual" (LI, 2012: 24).

Para Li (2012: 23), ainda que um tanto ufanista, mas sem perder o pragmatismo chinês, a China implementa mudanças políticas importantes e graduais sustentadas pela força econômica, e o destino dessa nova China é retomar algo como a grandeza da Dinastia Tang 1.500 anos atrás. Já Para Kissinger (2012: 27-28), do outro lado do debate, o maior desafio que impede a ascensão da China a uma posição hegemônica no presente tempo é que no século XXI não há mais espaço para uma única força que domine isoladamente, argumentando que qualquer tentativa de domínio hegemônico da China seria prontamente repudiado pelo Comunidade Internacional. Além disso, as preocupações apresentadas por Henry Kissinger diante da ascensão da China vão esbarrar na capacidade de adaptação política chinesa às regras políticas do ocidente, o que na sua visão arrefece a força da liderança chinesa tendo em vista as peculiaridades políticas, sociais e culturais da China. Para Kissinger o entorno estratégico chinês é outro ponto não pacificado que embarga o avanço da China no século XXI. Kissinger (2012: 28) propõe no seu argumento reformular a questão proposta para o debate e estabelecer que o grande desafio, diante do indubitável fortalecimento da China, é saber se o mundo ocidental conseguirá trabalhar com a China.

Assim como Kissinger, Zakaria (2012: 16) duvida do domínio chinês no século XXI apoiado na idéia de que a China seguirá uma lei natural de queda no seu crescimento, o que ocorreu com todas as potências em ascensão no Sistema Internacional e ainda reforça o argumento de que a China tem problemas geopolíticos que parecem insolúveis a médio prazo, com países no seu entorno geográfico. Para Zakaria o Século XXI não pertencerá à China porque seu sistema político ainda permanece fechado e em crise, não sendo aceito como um modelo político capaz de exercer a liderança da comunidade internacional.

A maior contribuição nascida do debate dos especialistas que se debruçam por entender por quais caminhos a potência chinesa irá trilhar no Século XXI, é apresentar narrativas (leitura política, histórica e econômica) que levam a prognósticos (todos plausíveis) para entender qual será a estratégia do Estado chinês para o Século XXI e sua relação com o mundo ocidental, quando se especula se a China continuará como um *global player* que apenas segue as regras do jogo político ocidental (o que a tem beneficiado por enquanto) ou

buscará aos poucos, puxados pela força econômica, reorganizar as forças no Sistema Internacional a seu modo, ainda mais a seu favor e sob a sua liderança.

O “O século XXI pertence à China?”, pode pecar por não aprofundar mais detidamente questões específicas que contribuem ou não para que o século XXI seja o século chinês, porém tem o grande mérito de colocar muitas cartas pró e contra na mesa do jogo político internacional, num articulado e dinâmico (e porque não dizer rápido) debate entre opositores acadêmicos brilhantes, o que lança luzes importantes sobre o assunto e traz à tona questões fundamentais para quem pretende estudar mais minuciosamente e entender os aspectos históricos, políticos e econômicos que circundam a questão de saber se a China será ou não a grande potência hegemônica do século XXI, e só por isso o livro merece atenção dos estudiosos da área de relações internacionais e correlatas.

Recebido em: Dezembro de 2014;

Aprovado em: Fevereiro de 2015.